

Joelmir Beting*Econ - Brasil*

Fica como está

O cálculo é do economista Francisco Lopes, da Seplan: um corte de 10% nas despesas com pessoal, na área federal, equivaleria a uma poupança de Cz\$ 10,5 bilhões, menos de 0,3% do PIB. O desgaste político da autofagia governamental seria bem maior que o benefício econômico do grande trauma social, Jura Francisco Lopes. Quer dizer: desgaste político no âmbito restrito das famílias dos prejudicados. O povo que paga as contas aplaudiria o descarte da gordura sem concurso.

O plesbicista seria inútil, na tese do deputado Ulysses Guimarães, presidente nacional do PMDB e presidente da Câmara Federal: o empreguismo no aparelho do estado, segundo ele, é algo inerente ao processo político das democracias (e das ditaduras). O fiador desse costume político é o universo de 135 milhões de contribuintes desavisados.

Revolta fiscal

O renascimento político dos contribuintes começou pela Itália dos pós-guerra: o povo não paga imposto porque o governo não faz coisa alguma e o governo nada faz porque a sociedade sonega o fisco, essa rebelião fiscal já está desembarcando na Argentina, no testemunho do economista alemão Rudiger Dornbusch: «ninguém paga imposto na Argentina. Nem pretende pagar. A população começa a questionar: o não recolhimento dos impostos constitui de fato, um ilícito penal? Os argentinos se fazem esta pergunta desde a aventura militar das Malvinas».

Miado de leão

A reforma administrativa, ainda no prelo, vai dar uma de leão que mia. Palavra do ministro Aluisio Alves: «não temos funcionários sobrando, temos funcionários mal distribuídos».

Os amortecedores

Se o salário real continua crescendo, sob pressão de acordos tirados na marra, as empresas com preços congelados não estariam com um pé na cova da quebradeira em cascata? Empresários e economistas refletem sobre a existência de uma bateria de amortecedores:

1 -) maior salário, maior consumo, maior produção, maior escala e menor custo por unidades de produtos;

2 -) o salário real estava muito defasado e apenas recupera posição no universo dos preços relativos;

3 -) preços congelados patrocinam severa administração (ou enxugamento) de custos gerais, com as empresas descobrindo margens nunca dantes imaginadas;

4 -) o ágio, entendido como preço real de mercado.

Anistia branca

Os observadores de gabinete sustentam que o «caixa dois» da economia brasileira, medido em dólares e em cruzados, aproxima-se dos 95 bilhões de dólares. Esta seria a poupança fria que hoje torce por uma anistia fiscal, nas asas do Plano Cruzado ou nos apelos do Plano de Metas (sem meios). Como «esquentar» a poupança fria sem o constrangimento político da anistia fiscal do «caixa dois»? Analistas financeiros dão a pista: o último pacote econômico encaixou uma fenda de infiltração de dinheiro frio nos negócios quentes, sem memória fiscal nem mordida do leão. Seguinte: subscrição de cotas ao portador dos fundos mútuos de investimento.

Paraplégico

O mercado volta a movimentar-se em todas as direções e a carga bruta da economia reaquescida cresce de 13% ao ano, resultado: falta navio, falta vagão, falta caminhão.

Palavras dos transportadores rodoviários: a frota em circulação, de 980 mil caminhões de todas as marcas e de todas as idades, não consegue carregar tudo isso. O «déficit» aproxima-se de um quinto da carga gerada. E não basta fabricar 200 mil caminhões da noite para o dia (as montadoras, fazendo hora extra, só conseguem produzir 90 mil unidades por ano). É preciso renovar 350 mil caminhões ainda em trânsito, verdadeira sucata mecânica, rodando com pouca eficiência e muita insegurança.

Para o pessoal da NTC, entidade nacional dos transportadores, a importação favorecida de caminhões pode estourar em 1987.

O calor e a luz

Perto de 750 mil brasileiros trabalham em atividades ligadas ao uso de computador. E a VI Feira Internacional de Informática, desta semana no Rio Centro, espera receber a visita de pelo menos um terço desses profissionais. Até porque, na lateral dos 300 «stands» da microeletrônica sem bandeira, acontecerá o XIX Congresso Nacional de Informática — com 8.218 inscritos, até sexta-feira.

O temário não disfarça: os assuntos técnicos serão queimados pelos temas políticos, «43'34 — 3.34:9» no centro do palco. O debate pode não gerar muita luz, mas vai ferver de calor. Não bastasse a reserva de mercado, sob pressão, os congressistas vão discutir o lugar da «informatização» no Brasil de amanhã, via constituinte.